



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Uma das primeiras abordagens por nós identificada foi realizada em 1947, quando a socióloga Virgínia Bicudo publica um trabalho interessante sobre as atitudes raciais de negros e mulatos na cidade de São Paulo, utilizando como fonte privilegiada de suas análises o jornal “A Voz da Raça”, editado por um importante segmento de afrodescendentes daquela cidade⁵¹. Mas será somente através das pesquisas do sociólogo Roger Bastide que o tema adquire concretude e sistematicidade, sobretudo a partir de seu estudo clássico sobre “A imprensa negra no Estado de S. Paulo”, publicado originalmente, em 1951⁵².

Não obstante a acolhida positiva que o trabalho de Bastide mereceu junto ao pequeno e seletivo grupo de sociólogos da Universidade de São Paulo que se constituiu em sua volta, notadamente Florestan Fernandes e Maria Isaura Pereira de Queiroz que usaram largamente a chamada imprensa negra como uma das principais fontes de suas investigações, ele permaneceu insulado nos limites dessas abordagens⁵³. Nem mesmo a reedição que mereceu posteriormente, em 1973, foi capaz de alcançar os historiadores que a partir de meados da década de 1970 começaram a trabalhar com materiais de imprensa em larga escala, incorporando procedimentos metodológicos modernos e novas reflexões sobre os jornais enquanto fonte exemplar para renovação do *fazer história*. Até hoje, Bastide permanece desconhecido ou ignorado pelos historiadores da imprensa, incluindo entre eles os que estão a direcionar os seus trabalhos de investigação para o atual campo do etnoperiodismo, ou para a historicidade das relações entre História Cultural e imprensa.⁵⁴ Perda lamentável, uma vez que Bastide, já naquela época, havia avançado muito e de forma pioneira sobre alguns procedimentos metodológicos, hoje caros aos historiadores, de forma bastante inovadora, inclusive incorporando reflexões também originais sobre a

⁵¹ BICUDO, Virgínia Leone. “Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em S. Paulo”. In *Sociologia*, São Paulo, IX, 3, 1947.

⁵² BASTIDE, Roger. “A Imprensa Negra do estado de São Paulo”. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXXI, *Sociologia*, nº 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2ª série, 1951.

⁵³ Vale destacar aqui as investigações de Florestan Fernandes sobre a história do aparecimento dos jornais em *A Integração do Negro na Sociedade de Classe* (1965) e de Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre o aparecimento da Frente Negra Brasileira e o cunho reivindicatório dos jornais da imprensa negra em *Coletividades Negras* (1977). Apud. FERRARA, Miriam Nicolau. *A Imprensa Negra paulista (1915-1963)*, São Paulo, FFCH/USP, 1986 (Antropologia, 13).

⁵⁴ Sobre as múltiplas dimensões da vasta obra de Roger Bastide “pontuando as convergências entre seu pensamento e o de diferentes autores brasileiros pertencentes a diferentes matrizes de reflexão”, confira: PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos Brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2000.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

natureza dos jornais enquanto fonte de análise e/ou objeto de estudo.

Na verdade, os procedimentos que Bastide usou transcenderam o seu próprio tempo e, se aproximado dos entendimentos que existem, hoje, no âmbito do moderno campo disciplinar da História da Imprensa ou até mesmo da História Cultural através da imprensa, eles guardam a sua contemporaneidade e perfeita aplicabilidade. Prova desse caráter precursor e instigante de Roger Bastide, é que para ele, diferentemente dos historiadores da sua época, os jornais passavam a ser concebidos como expressão das representações, dos sentimentos, das atitudes e das necessidades coletivas de um determinado grupo social ou classe de indivíduos e, como tal, deveriam ser entendidos como fonte privilegiada nos estudos de suas mentalidades coletivas. Foi ancorado por essa perspectiva que o sociólogo francês se confrontou com os jornais da imprensa afro-descendente de São Paulo para, através de uma análise criteriosa dessas fontes, “procurar a psicologia afro-brasileira”, um dos temas cruciais de suas investigações no Brasil. Surpreendente, também, é que nesse seu “artigo programa”, a perspectiva diacrônica é valorizada, quando divide com rigor a “história da imprensa negra em três períodos”, que desenvolve de forma interessante, mesmo que declare não ser seu objetivo oferecer um quadro histórico aprofundado dessa mesma imprensa. Não menos interessante é a tipologia que desenvolve dessa mesma imprensa, construída com profunda e invulgar acuidade, tornando-se bastante atual, inclusive para os historiadores que hoje lidam com a problemática da imprensa étnica, de imigrantes ou de minorias sociais:

Em primeiro lugar, raramente é uma imprensa de informação: o negro letrado lê o jornal dos brancos; é uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação dos fatos relativos à classe da gente de cor. (...) Esses jornais procuram primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando os valores negros, fazendo a apologia dos grandes atletas, músicos, estrelas de cinema de cor. É, pois, um órgão de educação. Em segundo lugar, é um órgão de protesto: e isso é verdade tanto na América do Sul como na América do Norte; o preconceito de cor pode tomar formas larvadas, nem por isso deixa de existir e mesmo que não exista, o negro crê senti-lo; terá, pois, que se insurgir e o jornal lhe servirá para fazer ouvir seu protesto. Outro caráter comum a toda a imprensa afro-americana é a importância dada à vida social, às festas, aos bailes, às recepções, aos nascimentos, casamentos e mortes. Sem dúvida esse não é um dos característicos próprios da raça negra; basta ler os pequenos jornais dos brancos do interior para se perceber que é também um dos característicos



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

do que se poderia chamar de imprensa ‘provincial’. Mas, em ambos os casos, a mesma exigência sociológica se exprime: a de mostrar seu *status* social e sua honorabilidade. O fato de ser recebido em clube, de assistir tal recepção é um critério que o localiza na ‘boa sociedade’ do lugar. O negro deseja também provar ao branco que tem sua honorabilidade, que tem sua vida mundana, que conhece as regras da polidez, em resumo, que não é um selvagem, como querem muitos. E na imprensa de cor a importância desta seção é ainda maior porque é justamente controlada pela classe média ou classe elevada⁵⁵.

Outra importante contribuição pioneira que merece igualmente destaque é o estudo clássico que Gilberto Freyre realizou: “O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX”⁵⁶. Mesmo que se trate de obra originalmente publicada como livro em 1961, sua trajetória enquanto tema remonta, segundo o próprio autor, a meados da década de 1930, quando, a partir de uma conferência proferida em 1934 sobre a questão, escreve um ligeiro ensaio que publicou um ano depois, em 1935⁵⁷.

Diferentemente de Bastide, com pontos de vistas diversos e até mesmo conflitantes, quer pela seleção e entendimento dos suportes analisados, quer pela perspectiva assumida em relação aos aspectos metodológicos, Freyre pensa os jornais de maneira tradicional e muito próximo dos historiadores da sua época que em suas buscas obsessivas por critérios de verdade e objetividade, entenderam esses suportes como espaço da pura subjetividade, carregados por linguagem imprecisa, inexata e sem a necessária idoneidade, inadequados, pois, para sustentarem uma investigação cientificamente conduzida. Mesmo assim, para conferir ao seu estudo o necessário valor científico, Freyre opera um curioso procedimento com o objetivo de contornar a falta de confiabilidade e credibilidade dos jornais quando usados em pesquisas históricas acuradas. Sua estratégia é simples, ou seja, procura amputar do conjunto destas fontes a parte “podre de verdade”, invariavelmente representada por todo o conteúdo editorialístico e prioriza, com exclusividade, a parte “sadia” representada tão somente pelos anúncios contidos nos jornais, base vital para um novo campo de conhecimento que chamou de “anunciologia”. Em outras palavras, Freyre entendia os

⁵⁵ Cf. BASTIDE, Roger. “A Imprensa Negra do Estado de São Paulo”. In *Estudos Afro-Brasileiros*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1973.

⁵⁶ FREYRE, Gilberto. *O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.

⁵⁷ Idem, p. LIX.



30 ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

anúncios dos jornais como o único espaço desses suportes digno de análise e suficientemente capaz de expressar fidedignamente verdades objetivas.

A análise de anúncios de jornais relativos a escravos veio trazer preciosa contribuição para o esclarecimento de parte tão obscura da história desse aspecto das relações do Brasil com a África negra. (...) veio permitir chegar-se a importantes conclusões ou interpretações de caráter antropológico quer psicossomático, quer de todo cultural, à base das descrições oferecidas das figuras, falas e gestos de negros – ou mestiços – à venda e, sobretudo, fugidos... Revela particularidades essenciais da presença africana no Brasil. Abre perspectivas inesperadas. Sugere novas abordagens de assuntos que se ligam à própria atualidade antropossocial e cultural brasileira. Oferece base ou apoios para interpretações em profundidade que vão além das já empreendidas⁵⁸.

Na complementaridade desta sua perspectiva, Freyre faz uma instigante defesa do conteúdo objetivo dos anúncios, tratando-os como expressão de evidências puras e cristalinas da realidade. Em suas palavras: “A linguagem dos anúncios de negros fugidos, esta é franca, exata, e às vezes crua. Linguagem de fotografia de gabinete policial de identificação: minuciosa e até brutal nas minúcias. Sem retoque nem panos mornos”. E sua explicação para tal é concisa: “quem tinha seu escravo fugido e queria encontrá-lo precisava dar traços e sinais exatos”⁵⁹.

Porém, fica claro que na análise “dessas retóricas diversas, em anúncios relativos a escravos”, que Freyre não os tomou homoganeamente e, muito menos, se lançou sobre eles de forma ingênua e acriticamente. Na verdade, questionou-os em seus fundamentos epistemológicos e estabeleceu critérios e procedimentos metodológicos, dentre os quais, o de evitar deliberadamente os chamados “anúncios de leilões”, ou de “trocas e vendas de escravos” por onde poderiam fluir mentiras sutis ou até mesmo velhacarias. Daí o seu alerta quanto ao modo de proceder com tais evidências:

Naturalmente é um material a ser usado com a maior das cautelas. Não que os anúncios de venda de escravos deformem os fatos mais que as notícias e os artigos de fundo. Suas mentiras são, porém, mais sutis. Por precaução, raramente me utilizei dos anúncios de vendas ou leilões de escravos⁶⁰.

⁵⁸ Cf. p. XIV-XV

⁵⁹ Idem. p. 26.

⁶⁰ Idem. p. 18.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Ao fim e ao cabo, as abordagens de Bastide e Freyre aqui ressaltadas enquanto experiências pioneiras importantes para o enfrentamento de questões que põem em destaque as relações entre imprensa e etnicidade, foram provavelmente muito mais desconhecidas do que ignoradas pela maioria dos historiadores brasileiros, em especial aqueles que se lançaram em busca de um novo estatuto para as fontes periodísticas. A rigor, até final da década de 1980, a problemática sobre a relação entre imprensa e etnicidade ainda continuava fora do campo de estudos dos historiadores. Do pouco que foi produzido nesse sentido, não passaram de tímidos empreendimentos e de estudos ligados muito mais ao campo disciplinar da Antropologia e das Ciências Sociais do que propriamente na área da História, a exemplo dos trabalhos de Miriam Nicolau Ferrara, Sonia Maria Giacomini e Lilia Moritz Schwarcz. A primeira, Miriam Nicolau Ferrara, ao trabalhar com temática sobre a imprensa negra em São Paulo, no período entre 1915 e 1963, produziu um interessante estudo sobre o universo ideológico do negro paulista, percebendo alguns traços marcantes das suas esperanças de vida e do seu comportamento, além de organizar um esboço para uma eventual história dos jornais negros editados em São Paulo, seguindo periodização muito parecida com a proposta por Roger Bastide⁶¹. Dois anos mais tarde, em 1988, Sonia Maria Giacomini utilizou fontes periodísticas do século XIX então disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro para promover com bastante sucesso uma interessante releitura sobre a identidade das escravas negras no Brasil.⁶² Mas, se por um lado, os trabalhos de Ferrara e Giacomini tiveram pouca repercussão, será com a divulgação das investigações de Schwarcz, também antropóloga, que o “etnoperiodismo” assumirá real significação através do uso que fez da imprensa cotidiana paulista, com o objetivo de saber sobre “as várias visões com que se falou sobre a condição negra”, ou “os modos como os brancos falaram sobre os negros”, visando com isto “a recuperação e o entendimento da dinâmica que se estabelece, de construção e manipulação de representações sobre o negro cativo ou liberto, quando se intensificaram as rebeliões negras, no período final do processo abolicionista, e toma volume a própria campanha abolicionista”⁶³. Esse seu livro intitulado “Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e

⁶¹ FERRARA, Miriam Nicolau. *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

⁶² GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e Escrava: Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1988.

⁶³ Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em Branco e Preto: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo, edição Circulo do Livro, 1987, p. 14/15.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

cidadãos em São Paulo no final do século XIX”, originalmente apresentado como dissertação de mestrado no Departamento de Antropologia da Unicamp e publicado em 1987, mereceu significativo acolhimento na academia, inclusive entre historiadores e um público mais vasto. Evidentemente que se trata de um trabalho que do ponto-de-vista teórico e metodológico integra influências multidisciplinares explícitas, em especial as oriundas da Lingüística, da “Nova História” e da “Nova Antropologia”. De sorte que, os jornais por ela utilizados são pensados de maneira muito próxima dos historiadores brasileiros do pós-1970, razão pela qual deixa explícito que sua “postura diante dos jornais será de apreendê-los não enquanto ‘expressão verdadeira’ de uma época, ou como veículo imparcial de ‘transmissão de informações’, mas antes como uma das maneiras como segmentos localizados e relevantes da sociedade produziam, refletiam e representavam percepções e valores da época”.⁶⁴ Em sua conclusão, o realce das fontes periodísticas, amplia sobremaneira os limites da “imprensa negra” propostos por Bastide e alcança a imprensa periódica como um todo.

É justamente nesse sentido que os jornais, que nesse momento se constituem enquanto órgãos estáveis e fixos, cumprirão um papel relevante. Ou seja, os grandes periódicos da época (e em especial *A Província de São Paulo*) vão passar não só a veicular normas e valores considerados “civilizados”, como buscarão constituir-se e representar-se a si próprios como os legítimos locais da criação e reprodução das novas idéias da época.

Veicula-se, portanto, nos discursos científicos e teóricos, através dos periódicos, uma imagem de ordem e controle social que parecia não se coadunar com a realidade percebida por esses segmentos, que por um lado partilhavam das idéias dos jornais, e por outro observavam o contexto da época com certa apreensão. Assim, o outro lado da moeda que refletia brancos “orgulhosos e cientes” de seus avanços era aquele que demarcava a desigualdade e expunha, com grande temor, o nosso futuro racial e nacional⁶⁵.

Deve-se ressaltar que na viragem do século passado e início do presente, outros importantes trabalhos estão sendo realizados por antropólogos com fontes periodísticas, como, por exemplo, a dissertação de mestrado defendida por Maria José Alfaró Freire, intitulada “Payakã e os índios na imprensa brasileira durante a ECO-92”, “na qual analisou

⁶⁴ Idem, p. 16

⁶⁵ Idem, p. 246.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

o material produzido pela imprensa brasileira sobre ‘o caso Payakã’, mostrando as estratégias através das quais o discurso jornalístico, toma o caso para colocar em questão as políticas interétnicas e os direitos indígenas no país”⁶⁶.

Afora estes poucos exemplos conhecidos por parte da iniciativa de antropólogos, só será na década de 1990 que os historiadores vão abraçar a questão das identidades étnicas, culturais e nacionais através da imprensa de forma definitiva e irreversível. Dois bons exemplos são as investigações de Liana Maria Reis ao analisar a atuação dos escravos durante o processo abolicionista através de artigos de jornais diários de São Paulo⁶⁷ e de Liane Muller em “Considerações sobre a trajetória de um jornal negro: O Exemplo, criado em Porto Alegre, no ano de 1892”⁶⁸. Mesmo que escape um enquadramento etno-periodístico rígido, Tania Regina de Luca merece referência através da sua análise sobre *A Revista do Brasil*, um periódico de ampla circulação no Brasil, que se presta para discutir a questão nacional e da nacionalidade brasileira sobre diferentes prismas⁶⁹. No mesmo sentido trabalhou Ariel Feldman ao analisar as relações entre a formação do Estado e a construção da identidade nacional durante o período regencial, através do jornal *O Carapuceiro*, publicado na cidade do Recife entre 1832 e 1842, de explícita tendência antilusitana e contra os ideais restauradores⁷⁰. Mais recentemente, em 2008, Mozart Linhares da Silva avançou com uma comunicação apresentada no XIII Encontro de História da ANPUH-Rio, com o título: “Imagens, Estereótipos e Sujeitos-Falhos: Afrodescendentes e Identidade Étnica na Imprensa Escrita no Vale do Rio Pardo (1970-2000)”.

Pelo lado dos estudos históricos através da imprensa de imigrantes o quadro é bem mais expressivo e os historiadores passam a tirar melhor proveito dessa nova problemática, abordando-os de forma excepcionalmente vigorosa e inovadora, com problemáticas

⁶⁶ Mestrado em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional-UFRJ, 2001.

⁶⁷ REIS, Liana Maria. *Escravos e Abolicionistas na imprensa mineira (1850-1888)*. Belo Horizonte, UFMG, 1993. (Dissertação de mestrado).

⁶⁸ MULLER, Liane. *Considerações sobre a trajetória de um jornal negro: O Exemplo, criado em Porto Alegre, no ano de 1892*. Comunicação apresentada no XX Simpósio Nacional de História, Florianópolis, ANPUH, de 25 a 30.07.1999.

⁶⁹ DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a Nação*. São Paulo, Fundação da Editora da UNESP, 1999.

⁷⁰ FELDMAN, Ariel. “A Construção do Estado e da Nação no Brasil: identidades políticas e imprensa periódica no período regencial (1831-1840)”. In *Revista Aulas – Dossiê Identidades Nacionais*. São Paulo, Unicamp, nº 2, outubro/novembro, 2006.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

diversificadas e aprimoramentos teórico-metodológicos instigantes. No conjunto dessa produção, vale destaque para os trabalhos de Marina Consolmagno sobre o jornal *Fanfulla*, órgão da colônia italiana em São Paulo, editado em 1893, em língua italiana e onde a autora analisa quem o jornal beneficiava e em que sentido influenciava o seu público, demonstrando também a atuação do *Fanfulla* no sentido de fortalecer uma visão homogênea da colônia italiana (colletivité) baseada nos princípios da coesão e conciliação entre as classes, além de estudar as posturas defendidas, em relação ao processo de unificação italiana e a vida política brasileira.⁷¹ Outro bom exemplo no campo da etnicidade através da imprensa, é o importante trabalho de Giralda Seyferth sobre a mobilidade social de uma colônia alemã nos setores econômicos e políticos e um conjunto de problemáticas associadas a sentimentos de etnicidade⁷².

No campo dos estudos históricos sobre imigração portuguesa que usaram a imprensa como fonte prioritária ou exclusiva, as investigações são muito poucas quando comparada com a expressividade da presença portuguesa no Brasil e com o avultado número de jornais e outros periódicos editados por portugueses no Brasil desde meados do século XX.⁷³ Mesmo assim, já começam a aparecer importantes trabalhos nesse campo particular de análise, como os de Maria Manuela Ramos de Souza e Silva, que “estuda a saga dos imigrantes portugueses introduzidos no Brasil e destinados principalmente à agricultura, pela pena contundente do editor do jornal português *Gazeta Lusitana*, publicado na Corte em finais do século XIX. Nesta obra, a autora analisa também as tensões e conflitos gerados no calor dos enfrentamentos: recusas, concessões e solidariedades, além das práticas sociais que mediatizam as relações entre nacionais e portugueses. Para além disso, reconstitui as várias frações do olhar do jornal sobre a sociedade portuguesa e brasileira de seu tempo, escancarando suas mazelas e contradições, cujos aspectos mais visíveis são a corrupção, o mandonismo, a exploração desenfreada do trabalho humano, a vadiagem, a criminalidade e prostituição⁷⁴ .

⁷¹ CONSOLMAGNO, Marina. *Fanfulla: perfil de um jornal de colônia (1893-1915)*, São Paulo, USP, 1993. (Dissertação de mestrado)

⁷² SEYFERTH, Giralda. “Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro”. In *Mana*, Rio de Janeiro, v.5 n. 2, out./1999.

⁷³ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Documento para a História da Imigração Portuguesa no Brasil (1850 a 1938)**. Rio de Janeiro, Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, 1992. Especialmente o capítulo: “A Imprensa da Colônia”, p. 114-123.

⁷⁴ SILVA, Maria Manuela Ramos de Souza e. *Ambição e Horror a Farda ou a Saga dos Imigrantes*



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Outro importante trabalho que merece destaque é o de Joelson Bitran Trindade, no qual faz uma análise do imigrante português através do olhar da chamada imprensa popular da cidade de Santos, São Paulo⁷⁵. Pelo viés da militância política de oposição ao salazarismo organizada por portugueses exilados no Brasil, o trabalho de Douglas Mansur da Silva, intitulado “A Ética da Resistência: os exilados anti-salazaristas do Portugal Democrático (1956-1975)”, não deixa de ser um excelente e estimulante exemplo. Silva examina, com precisão e acuidade, “a trajetória de sete imigrantes portugueses, cujas histórias de vida são marcadas por migração política e exílio no Brasil”, através do jornal *Portugal Democrático*, que na sua avaliação “constitui-se de pronto em uma imensa fonte de dados a estudiosos do século XX português”⁷⁶. A importância deste trabalho foi realçada por Bella Feldman-Bianco, na apresentação que ofereceu à edição portuguesa, lançada em Portugal com o título “A Oposição ao Estado Novo no Exílio Brasileiro (1956-1974)”, que merece ser destacada por se tratar de instigante contribuição no campo do etno-periodismo na perspectiva dos antropólogos.

É certo que jornais fornecem preciosa documentação para pesquisadores interessados em reconstruções históricas. Mas Douglas Mansur da Silva, no decorrer da sua investigação, perspicazmente percebeu que o *Portugal Democrático*, para além de fonte de pesquisa, constituía o núcleo central de um movimento de oposição ao Estado Novo e ao regime salazarista, deflagrado a partir da cidade de São Paulo. Demonstra, assim, o papel crucial desempenhado pelos *media* impressos como veículos de circulação de ideias e de formação de redes políticas locais, nacionais e internacionais, no período estudado. Dessa perspectiva, examina os editoriais, artigos, notícias e charges publicados no jornal ao longo de quase vinte anos, com particular atenção aos que retratam situações de embates e conflitos através do tempo. Desvenda, destarte, os meandros, constrangimentos e complexidades que moldaram a composição, estratégias e busca de unidade desse núcleo – formado inicialmente por proletários e intelectuais de orientações políticas várias (republicanos, liberais, socialistas, comunistas) – e as diferentes etapas da sua persistente luta contra a ditadura em Portugal. Descortina, enfim, uma etno-história que expõe as relações dinâmicas entre o percurso desse núcleo e os

Portugueses no Brasil, segundo a Gazeta Lusitana (1883-1889). (Tese de doutoramento defendida no Departamento de História da USP, 1991).

⁷⁵ TRINDADE, Joelson Bitran. “Piedade Lusitana: sobre a Imprensa e o Poder”. In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v 16 nº 31 e 32, 1996, p. 143/164.

⁷⁶ Utilizamos o título inicial do projeto, posteriormente defendido como dissertação de mestrado na UNICAMP. SILVA, Douglas Mansur da. *Visões sobre Portugal – nação, diáspora e estratégias de cidadania*. São Paulo, UNICAMP, 1999.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

múltiplos acontecimentos daquela efervescente época, discernindo como rumos, incluindo as cisões e as diferentes fases do movimento, foram impelidos seja por episódios luso-brasileiros – como, por exemplo, os protagonizados por Humberto Delgado e Henrique Galvão no Brasil, seja pelo impacto e influência da Revolução Cubana sobre os movimentos de esquerda, ou, posteriormente, pela eclosão de guerras coloniais em África e a política de direitos humanos nas Nações Unidas. Ao delinear esses cenários mais amplos que condicionaram a ação política e que culminaram na crescente influência do Partido Comunista Português sobre o movimento anti-salazarista, deixa-nos entrever a mobilização das esquerdas e especialmente a dos comunistas durante a Guerra Fria⁷⁷.

Na sequência dessas abordagens que priorizam a análise do imigrante português a partir da sua própria imprensa, Flávia Miguel de Souza estudou o caso da revista *Convergência Lusitana*, ligada ao Real Gabinete Português de Leitura, e organizada por um pequeno grupo de portugueses letrados residentes na cidade do Rio de Janeiro que fundaram o periódico enquanto estratégia mobilizadora no sentido de reconstruírem uma imagem do imigrante português forjada por valores históricos e tradicionais portugueses tidos como símbolos da civilização europeia no Brasil.⁷⁸

Por fim, duas comunicações de Geraldo Mártires Coelho intituladas “Uma Memória Tardia: propaganda e imigração portuguesa na iconografia republicana no Pará de 1910” e “Alegoria feminina e propaganda republicana no Pará de 1910”⁷⁹, servem para mais um exemplo de que as abordagens que estão a priorizar a imprensa produzida por imigrantes portugueses residentes no Brasil, vêm conquistando espaços acadêmicos de real significação, ampliando cada vez mais o processo de construção de novas representações sobre a diáspora portuguesa na sociedade brasileira.

⁷⁷ FELDMAN-BIANCO, Bella. “Apresentação”. In SILVA, Douglas Mansur da. *A Oposição ao Estado Novo no Exílio Brasileiro: 1956-1974*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2006. – (Estudos e Investigações: 42), pp. 21/22. Ainda segundo Feldman-Bianco, depreende-se que: “Uma outra dissertação de mestrado de autoria de Ubirajara Bernini Ramos, intitulada *Portugal Democrático. Um jornal de resistência ao salazarismo publicado no Brasil*, defendida no Programa de Mestrado em História da PUC-SP em 2004, focaliza o mesmo jornal, mas voltado mais a examinar como esse veículo tratou importantes episódios durante o Estado Novo”.

⁷⁸ SOUZA, Flávia Miguel de. *Tradição, Civilização e Cultura: A Reconstrução da Imagem do Imigrante Português no Brasil através de um Estudo da Revista Convergência Lusitana (1976-1998)*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 2002. Em 1999, a autora apresentou comunicação no XX Simpósio Nacional de História, realizado em Florianópolis, com o título: “A cultura portuguesa sob a perspectiva da revista *Convergência Lusitana: 1976-1998*”.

⁷⁹ Comunicações apresentadas no âmbito do XX Simpósio Nacional de História, realizado em Florianópolis, em 1999.



30 ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger. “A Imprensa Negra do estado de São Paulo”. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXXI, Sociologia, nº 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2ª série, 1951.

_____. “A Imprensa Negra do Estado de São Paulo”. In *Estudos Afro-Brasileiros*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1973.

BICUDO, Virgínea Leone. “Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em S. Paulo”. In *Sociologia*, São Paulo, IX, 3, 1947.

CONSOLMAGNO, Marina. *Fanfulla: perfil de um jornal de colônia (1893-1915)*, São Paulo, USP, 1993. (Dissertação de mestrado).

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo, Fundação da Editora da UNESP, 1999.

FELDMAN, Ariel. A Construção do Estado e da Nação no Brasil: identidades políticas e imprensa periódica no período regencial (1831-1840). In *Revista Aulas – Dossiê Identidades*.

FELDMAN-BIANCO, Bella. “Apresentação”. In SILVA, Douglas Mansur da. **A Oposição ao Estado Novo no Exílio Brasileiro: 1956-1974**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2006. – (Estudos e Investigações: 42), pp. 21/22.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A Imprensa Negra paulista (1915-1963)**, São Paulo, FFCH/USP, 1986 (Antropologia, 13).

_____. **A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)**. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

FREYRE, Gilberto. **O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e Escrava: Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1988.

MULLER, Liane. Considerações sobre a trajetória de um jornal negro: O Exemplo, criado em Porto Alegre, no ano de 1892. Comunicação apresentada no XX Simpósio Nacional de História, Florianópolis, ANPUH, de 25 a 30.07.1999.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Diálogos Brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide**, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

RAMOS, Ubirajara Bernini. **Portugal Democrático. Um jornal de resistência ao**



salazarismo. São Paulo, dissertação de Mestrado: PUC-SP, 2004.

REIS, Liana Maria. **Escravos e Abolicionistas na imprensa mineira (1850-1888).** Belo Horizonte, UFMG, 1993. (Dissertação de mestrado).

SEYFERTH, Giralda. “Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro”. In **Mana**, Rio de Janeiro, v.5 n. 2, out./1999.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Documento para a História da Imigração Portuguesa e Luso-Brasileiras**, 1992. Especialmente o capítulo: “A Imprensa da Colônia”, p. 114-123.

SILVA, Maria Manuela Ramos de Souza e. **Ambição e Horror a Farda ou a Saga dos Imigrantes Portugueses no Brasil, segundo a Gazeta Lusitana (1883-1889).** (Tese de Doutorado defendida no Departamento de História da USP, 1991).

SILVA, Douglas Mansur da. **Visões sobre Portugal – nação, diáspora e estratégias de cidadania.** São Paulo, UNICAMP, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Preto: Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** São Paulo, edição Circulo do Livro, 1987, p. 14/15.

TRINDADE, Joelson Bitran. “Piedade Lusitana: sobre a Imprensa e o Poder”. In **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v 16 nº 31 e 32, 1996, p. 143/164.

SOUZA, Flávia Miguel de. Tradição, **Civilização e Cultura: A Reconstrução da Imagem Lusíada (1976-1998).** Rio de Janeiro, UFRJ (Dissertação de Mestrado), 2002.



30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Resistência e Jornal Pessoal: Da ditadura militar à democracia na Amazônia – Resistir é preciso

Célia Regina Trindade Chagas AMORIM

Milene Costa de SOUSA

Natália Cristina Rodrigues PEREIRA

Lanna Paula Ramos da SILVA

Resumo: Este artigo busca entender as transformações pelas quais as mídias alternativas na Amazônia, *Resistência* e *Jornal Pessoal*, passaram no contexto histórico da ditadura militar (1964-1985) e pós-ditadura. A primeira surgiu no regime ditatorial em 1978; e a segunda no ano de 1987, época de democracia estabelecida no Brasil. Essas publicações, que são mídias radicais, à luz dos estudos de John Downing (2002), começaram no meio impresso e no contemporâneo ganharam as páginas da web. O artigo, uma produção do Projeto Mídias Alternativas na Amazônia, estrutura-se em três pontos fundamentais: uma breve contextualização da ditadura militar e da redemocratização do Brasil e do cenário regional amazônico; os conceitos relacionados às formas de comunicação de resistência do período investigado; e a análise dos dois jornais. Os conceitos-chaves que ordenarão a presente reflexão são Mídia Radical Alternativa, redes e esfera pública alternativa.

Palavras-chave: Mídias alternativas. Amazônia. Redes. Esfera pública alternativa.

A América Latina, a partir da segunda metade do século passado, foi assolada por ditaduras militares –Argentina (1962 a 1983), Chile (1973 a 1990), Brasil (1964 a 1985) – sustentadas pelos Estados Unidos. O período era o da Guerra Fria que apresentava de forma evidente dois inimigos políticos e ideológicos que disputavam a hegemonia do mundo: Estados Unidos, sob a égide do capitalismo; e União Soviética, de matriz socialista. No Brasil, a ditadura teve início com a tomada do poder pelas forças armadas brasileiras, sob o pretexto de que a ação era necessária para o mantimento dos processos democráticos contra a ameaça comunista que poderia se instalar no país.

Os pesquisadores Petit e Cuéllar (2012, p.180) afirmam que apesar de ser evidente a centralização das Forças Armadas na tomada do golpe de estado no Brasil a partir de 1964, com o apoio ideológico dos Estados Unidos, não se pode deixar de observar que a natureza da ditadura no país foi no âmbito civil-militar, já que contou